



Editorial

QUANDO MUDANÇAS COSMÉTICAS JÁ NÃO CONVENCEM

Quem se atreve a continuar a falar de boa governação?

“Um crescimento económico que não beneficia as populações é nulo”, considerou esta semana o economista Carlos Nuno Castel-Branco, em entrevista exclusiva ao Canalmoz/Canal de Moçambique. Não podia ser mais objectivo. “A distribuição desigual da renda é a origem das manifestações do início de Setembro”, considerou o Grupo Moçambicano de Dívida, também nestes últimos dias. Em suma, quer o investigador do IESE, quer o GDM admitem que as coisas não estão no bom caminho. Por outras palavras, a governação está claramente a falhar.

Nós há muito que estamos a alertar para esta realidade escondida atrás dos números. Agora está aí a confirmação das nossas percepções que não eram mais do que o resumo dos sentimentos que vínhamos colhendo de vários quadrantes.

Há coisas boas a acontecer, mas os resultados não estão a chegar aos cidadãos, é mais ou menos o que estas duas fontes agora nos vieram confirmar.

Mentiras “com barbas”, está agora claro que fizeram sonhos, mas não fizeram a felicidade da maioria qualificada real.

Castel-Branco e o GDM não falaram objectivamente do governo, mas quem poderá ter falhado se as coisas chegaram a este ponto?

Quer Castel-Branco, quer o GDM acabam de passar, em circunstâncias diferentes, verdadeiros atestados de incompetência ao grupo que tem estado com a missão de governar o país, variando apenas as caras dos “artífices”.

Estão ambos de acordo que os sucessivos governos não têm estado a tomar conta dos cidadãos moçambicanos. Está implícito no que ambos disseram. A má governação não é de agora. Já vem de longe. O que temos é o acumulado de muitas histórias mal contadas.

Para as coisas terem chegado ao ponto de suscitem os diagnósticos que acabamos de escutar, o que se pode pensar da governação?

A Guerra Civil acabou há quase duas décadas. Quando todos estes anos a crescer são traduzidos em fome a crescer, o que quer isto dizer?

Se há crescimento e os cidadãos não beneficiam dele, como se poderão classificar as políticas de quem governa desde a Independência?

Pode-se continuar a dizer com a mesma propriedade e euforia que não há alternativa a quem deixou o País chegar a este ponto de tamanha gravidade?

Nos últimos 15 anos, a taxa do crescimento do país varia entre 7% e 7,5%, mas a taxa da produção é de 1,2% por ano, metade da taxa do crescimento da população, o que significa que, todos os anos, há menos comida per capita embora a economia per capita esteja mais rica, constata Castel-Branco.

Sendo isto per si um cenário que em conclusão nos permite aferir com toda a frieza a realidade para onde este governo e os anteriores nos transportaram, podemos continuar a falar em boa governação?

Com esta realidade o que se pode pensar, inclusivamente de quem não se tem cansado de dizer que Moçambique é um caso de sucesso? Estariam a falar de que sucesso? Do sucesso de quem?

O Povo está nas ruas a protestar. Já não se ouvem elogios a este governo. Só os que se alimentam do mesmo prato é que ainda vão dizendo algumas coisas convenientes.

É preciso fazer-se de facto algo por Moçambique. Ainda vamos a tempo de construir um verdadeiro sucesso. Mas o “sucesso” não pode continuar a ser distorcido?

Para uns, um governo que proporciona um crescimento de 7% e 7,5% é um bom governo. Os números, as estatísticas, são animadores apenas para quem beneficia com o embelezamento da coroa de louros posta a governos que sem os grandes projectos não teriam mais nada de bom para mostrar.

Será que pode dizer-se que um governo está a governar bem quando o que produzimos não é suficiente para alimentar a população e os investiga-

dores económicos nos vêm confirmar que vamos de mal a pior de ano para ano?

Um governo é para promover o bem-estar do Povo ou para promover o seu próprio enriquecimento e de alguns dos seus confrades?

Será que podemos admitir sem questionar que um governo é bom quando esse mesmo governo leva um povo a manifestar-se da forma como se viu entre 1 e 2 de Setembro corrente?

Será mesmo que o Povo é “preguiçoso” como certos governantes classificaram o Povo quando se encontravam trancados em casa com medo do fumo dos pneus?

Não terá sido o Governo que afastou o Povo do trabalho com as suas políticas de não premiar quem produz e premiando apenas quem lhe é obediente e servil?

No fim de contas o resultado da sua governação de anos é a triste e preocupante realidade em que no presente momento o País se encontra. Isto é boa governação?

Ninguém gosta de trabalhar para aquecer.

Actualmente o dinheiro que fica para quem trabalha é irrisório, não compra nada. Trabalhar para nada é o que está a suceder.

É óbvio que por este andar cada vez haverá mais gente com menos vontade de trabalhar. Como haverá mais gente a passar fome. Não há mais que enganar.

Está agora claro que nos andaram a enganar. Venderam-nos gato por coelho.

Há anos que a realidade aponta para o abismo. Vamos continuar a permitir esta caminhada para o abismo? É isto que queremos? Queremos viver na ilusão de que estamos a construir um País e depois acordamos com o Povo revoltado?

Queremos continuar a fingir que este governo e os sucessivos governos que temos tido são o melhor que podemos ter? Quem pode acreditar que não existe melhor em Moçambique?

O problema não estará no facto de serem sempre os mesmos a rodar entre si e a governar?

Como é que é possível ficar-se rico no Governo? O que será preciso fazer-se para se ficar rico no Governo?

Aceitar este grupo como gestor do Estado sem questionar será a melhor forma de se evitar a caminhada para o abismo que Castel-Branco e o GDM acabam de retratar?

A riqueza é acumulada por um grupinho que fica cada vez mais rico. Então, porque é que vamos trabalhar? – pergunta Carlos Nuno Castel-Branco.

“Alguns se admiram que tenha havido aquela revolta”. Há crescimento económico, como é que simultaneamente há revolta? – perguntam, alguns, como refere Castel-Branco. “As manifestações aconteceram porquê?” Ele próprio conclui que o crescimento económico não serve os interesses das pessoas. As pessoas não podem dizer que comem o crescimento económico, que vestem o crescimento, que dormem sobre o crescimento económico, diz o economista.

A questão é que o crescimento não beneficia as pessoas.

A riqueza que a gente produz é acumulada por um grupinho que fica cada vez mais rico! Então, porque é que vamos trabalhar? – pergunta o investigador do IESE.

Enquanto não há soluções, as desigualdades no país agudizam-se.

Começa a ser tremendamente urgente que se faça algo muito prático que salve o país da desgraça. Os mensageiros da desgraça, afinal estavam certos.

Claramente já não se pode falar de boa governação enquanto não se mudarem realmente as coisas. Mudanças cosméticas já não convencem.

(Canal de Moçambique)